
Racismo e necropolítica na cobertura do sequestro do ônibus na ponte Rio-Niterói¹

Lísia Gomes Alexandre de Souza²
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

Este artigo é resultado da dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. O objetivo da pesquisa é discutir marcas de necropolítica e poder disciplinar na cobertura da imprensa no caso ‘Sequestro do Ônibus na Ponte Rio-Niterói. Como observáveis foram utilizadas matérias veiculadas nos telejornais Jornal da Band, SBT Brasil e Jornal Nacional nos dias 20 e 21 de agosto de 2019. A análise foi feita por meio da análise de discurso (Foucault, 2014b). O referencial teórico navegou por conceitos como disciplina e biopolítica - Foucault (2014a, 2005); necropolítica - Mbembe (2018); sujeição criminal – Misse (2010) e fala do crime – Caldeira (2000).

Palavras-chave: Necropolítica; Disciplina; Violência; Mídia e populações negra e indígena;

INTRODUÇÃO

No dia 20 de agosto, William Augusto da Silva, um rapaz negro, anunciou um sequestro dentro do ônibus 2520, na ponte Rio-Niterói. Um *sniper* do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar atirou em William seis vezes. Às 9h18min, a morte de William foi confirmada. Toda a ação, que começou às 5h25min com o anúncio do sequestro, foi acompanhada pela imprensa. Os canais de TV se deslocaram ao local e fizeram uma grande cobertura, entrando durante a programação da manhã para televisar as atualizações sobre o caso.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestre do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, email: lisia.alexandre@gmail.com.

A morte de William foi aplaudida pelas pessoas presentes na ponte, como aponta O Globo. Cerca de 40 minutos depois, o então governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel desceu de um helicóptero comemorando.

Pelo Atlas da Violência 2021 (CERQUEIRA,2021) é possível ter uma dimensão da violência no país. Enquanto a redução do número de homicídios entre a população não negra entre 2009 e 2019 foi de 30,5%, a redução entre negros no mesmo período foi de 15,5%. O Atlas ainda aponta que uma pessoa negra tem 2,6 vezes mais chance de ser assassinada que uma pessoa não negra. Percebe-se então, que para estudar a violência, a questão racial não pode ser ignorada.

Buscou-se, durante a realização da pesquisa, analisar criticamente as reportagens relacionadas ao caso veiculadas pelos observáveis, buscando marcas de necropolítica, poder disciplinar e espetacularização da morte. Foram duas matérias do Jornal da Band, uma por dia. Três no SBT Brasil, duas no dia 20 e uma no dia 21, e apenas uma no Jornal Nacional no dia 20 de agosto. Somando-se seis reportagens ao todo.

O método escolhido foi a análise de discurso por conseguir chegar de forma mais profunda ao tecido discursivo. Para Pinto (2001), a análise de discursos utiliza teoria e técnica para mostrar os efeitos de sentidos de determinados produtos, levando em conta a disputa pela hegemonia. A abordagem foucaultiana considera as disputas de poder no discurso. Como aponta Foucault (2014b), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (p. 10).

DISCIPLINA E NECROPOLÍTICA

O filósofo Michel Foucault (2014a), demonstrou um conjunto de mudanças no Direito Penal. A punição, que até então era vista como um espetáculo, passou a se afastar da justiça. Não era mais aceito que o corpo sofresse punições físicas, antes da morte. O corpo não é mais o objeto da punição, e sim a alma. A figura do carrasco que fere e performa o espetáculo punitivo foi trocada por um time de médicos, psiquiatras, advogados e outros profissionais que tem como objetivo garantir a condenação do sujeito, e mais importante, a sua correção. Pune-se o crime e também os impulsos e desejos do indivíduo, que deve ser controlado a todo custo.

Foucault (2014a) aponta que a figura do soldado também mudou. Aquele que antes deveria andar com orgulho, se tornou uma massa uniforme, robotizada. A postura que antes era ativa passou a ser uma máquina. Todos os corpos devem ser produtivos e economicamente úteis, inutilizando-os como força política. O mesmo autor (Foucault, 2005) explica, por meio da biopolítica, que o direito à vida dos indivíduos pertence ao soberano que pode fazer morrer e deixar viver. Porém, a partir do século XIX, com a Revolução Francesa e Industrial, o direito é alterado para fazer viver e deixar morrer. Com políticas higienistas, o lucro está acima de tudo, e o governo se utiliza da disciplina para sacrificar alguns em benefício de outros. A população é dominada como um organismo.

Aqueles que não aceitam o contrato social, são considerados delinquentes e devem ser punidos. A polícia e a pastoral cristã são instrumentos de disciplina para manter a ordem (FOUCAULT, 1999). Mbembe (2018) atualiza o conceito de biopolítica, ao falar sobre o direito de matar na modernidade. O Estado dita quais pessoas devem ser descartadas e preservadas. Alguns devem ser sacrificados para que a ordem e o capital sejam mantidos.

A partir do estudo da escravidão negra, o autor Achille Mbembe (2018) demonstra como este processo estava marcado pelo controle político dos corpos. Mesmo mantidos vivos, os escravos perdem sua humanidade e direitos políticos. Pertencem a um senhor e não possuem direito sobre a própria vida. O necropoder é o poder do estado de decidir sobre a morte e a vida dos sujeitos. Segundo Almeida (2021), a população negra é quem mais sofre com o necropoder, apontando que não é possível discutir temas complexos como racismo no liberalismo, uma vez que, se todos devem ser tratados de maneira igualitária, ignorando as individualidades que tornam os indivíduos desiguais.

Desse modo, o padrão de normalidade é a branquitude, de forma que quem não se encaixa no padrão, pode acabar morto pelo Estado, que precisa manter a ordem e proteger a propriedade privada, utilizando técnicas de poder. E para proteger a ordem, um inimigo é criado a todo instante para ser combatido. De acordo com o autor (ALMEIDA, 2021), o apartheid é um bom exemplo desse tipo de técnica, uma vez que usou práticas do nazifascismo e escravidão, dividindo as pessoas por raças, onde umas valiam mais do que outras.

SUJEIÇÃO CRIMINAL E FALA DO CRIME

A escritora Sueli Carneiro (2011), reforça que a mídia ajuda a manter o status de pessoas privilegiadas. Não havendo espaço para a cultura negra, que muitas vezes é julgada como inferior. Nesse contexto, voltamos à figura do delinquente, desta vez na visão de Misse (2010). O autor aponta a existência do sujeito criminal, a quem os crimes pesam mais, pois a depender da cor da pele, classe social e território que ocupa, não os vemos apenas como criminosos, mas como seres incorrigíveis, que merecem maior punição, como a morte.

O crime é um assunto discutido diariamente nos telejornais e programas policiais brasileiros. Também é reverberado nas ruas, grupos, trabalho. As histórias são repassadas entre as pessoas no cotidiano, repetidas. Quando alguém comenta sobre um crime, outra pessoa conta outra história e assim sucessivamente. E quanto mais fala-se sobre o assunto, maior a sensação de violência. Caldeira (2000), chama esse fenômeno de fala do crime, uma prática que traz medo e insegurança para a população, maior do que as reais estatísticas sobre o crime na cidade.

Para a autora, os alvos primordiais da violência policial são “em sua maioria pobres e desproporcionalmente negros” (CALDEIRA, 2000, p. 159). Portanto, não é possível discutir violência sem discutir raça. Fanon (2020), lembra que os negros se comportam de forma diferente quando estão com outro negro e quando estão na frente de brancos. Essa herança colonialista, nos faz perceber que o sujeito colonizado, em uma comunidade diferente da sua, é visto como inferior.

Azevedo e Martins (2019) chamam a ação da polícia de atirar 80 vezes contra o carro de Evaldo dos Santos, em 2019, de prática de execução institucionalizada. As autoras refletem que, se fosse um carro com pessoas brancas na zona nobre, talvez a abordagem fosse outra. E a mídia faz parte dessa prática. Para elas, a imprensa legitima as ações do Estado e mercado, noticiando mortes com um jornalismo declaratório que apenas ouve as autoridades, sem dar espaço para outras versões.

ANÁLISE

Jornal da Band

No dia 20 de agosto, foi veiculada a primeira matéria do Jornal da Band sobre o caso analisado. Ainda na escalada, o apresentador Eduardo Oinegue fala “após quatro

horas de tensão e medo na ponte Rio - Niterói, tiros de um *sniper*. E chega ao fim o drama dos passageiros sequestrados dentro de um ônibus”. A fala é interrompida por imagens de comemoração da população presente no local. Ao chamar a matéria, Oinegue utiliza novamente as palavras tensão e medo e lista as armas utilizadas por William “usando uma arma de choque, uma faca, garrafas com gasolina e um revólver, que depois se veria, se saberia que é de brinquedo, ele ameaçava pôr fogo nas vítimas”.

A matéria inicia em seguida ao som dos tiros. Mariana Procópio, a repórter, fala em tom de alívio. “Foi o fim de quase quatro horas de terror para os passageiros do ônibus da linha 2520, que liga São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro, à capital fluminense”. Depois, a repórter lista novamente as armas utilizadas.

O sequestrador William Augusto da Silva, de 20 anos, entrou no veículo pouco depois das 5 horas da manhã e obrigou o motorista a parar no meio da ponte Rio-Niterói, que foi completamente interditada. As fotos feitas por passageiros mostram o interior do veículo. O sequestrador prendeu garrafas pet com gasolina no teto do ônibus e a todo instante ameaçava incendiar o veículo. Tinha ainda uma faca, uma arma de choque e um revólver que depois a polícia descobriu que era de brinquedo. Às 7 horas da manhã, o BOPE – Batalhão de Operações Especiais assumiu a negociação. Seis reféns foram liberados, quatro mulheres e dois homens. Uma delas chegou a desmaiar ao deixar o ônibus e foi atendida no local (BAND JORNALISMO, 2019a).

O Jornal ainda utilizou a imagem da mulher desmaiada, caída no chão. Importante salientar que a passageira em questão é negra, em um momento de vulnerabilidade com um policial chegando ao seu resgate. A escolha do jornal de repetidamente enumerar as armas usadas por William e reforçam a fala do crime (Caldeira, 2000). Reforçar várias vezes um tópico sobre o crime aumenta a sensação de insegurança de quem assiste o jorna, influenciando o dia a dia.

Neste momento da reportagem, é anunciado que uma psicóloga acompanhou o caso, entrevistou os reféns retirados do local e a família de William. Maurílio Nunes, comandante do BOPE, afirma que, segundo a psicóloga, o sequestrador estaria em surto psicótico. Para Foucault (2010), loucura e punição não deveriam estar presente ao mesmo tempo, uma vez que se excluem mutuamente. Quando o caso é patológico, a pessoa deveria ser tratada, não colocada nas mãos da justiça. Porém, o louco é punido continuamente para evitar que traga mais perigo à sociedade. Não há intenção de tratamento ou cura.

Durante a reportagem, é mostrada a fala do governador Wilson Witzel, que fala de maneira quase robótica. Ele utiliza a palavra “abatido” para se referir à morte de William. Um termo frequentemente usado para animais. A escolha das palavras demonstra que o sujeito criminal não é mais visto como uma pessoa. É um corpo sem utilidade econômica.

Em outro momento, Witzel justifica a comemoração do que fez ao descer do helicóptero:

Naquele momento, eu estava feliz por ver a atuação eficiente dos policiais militares e a população que estava ali ao redor estava agradecendo que as vítimas haviam sido poupadas. Então eu celebrei a vida! Então, em momento algum, eu ali vou manifestar uma alegria pela morte de quem quer que seja (BAND JORNALISMO, 2019a).

O próprio veículo escolhido por Witzel, um helicóptero, demonstra a força do Estado e seu poder disciplinar. Como Mbembe (2018) afirma, algumas vidas são mais valiosas para o Estado que outras. E o peso é ainda maior quando falamos de vidas negras. As vidas negras são descartáveis, não são poupadas.

Ao fim, o apresentador dá nota dez para a polícia do Rio de Janeiro. “Olha, a polícia do Rio está de parabéns! Fez um trabalho e tanto, deu chance pro criminoso se entregar, analisou o perfil do criminoso e só disparou quando ficou claro que o desfecho poderia ser dramático. Nota dez”. (BAND JORNALISMO, 2019a). A crítica ao comportamento do governador foi somente pela ação de marketing, nada referente à comemoração de uma morte. “Agora, governador, deixa o trabalho da polícia com a polícia. Não pega bem tirar uma casquinha toda hora que a polícia acerta. Realmente não pega bem”. (BAND JORNALISMO, 2019a).

A reportagem tem uma segunda parte que relaciona o sequestro na ponte Rio-Niterói ao do ônibus 174, ocorrido em 2000. Na ocasião, Sandro Barbosa do Nascimento desceu do ônibus com a refém Geísa Gonçalves como escudo. A PM se precipitou, tentou atirar e assustou Sandro, que atirou três vezes nas costas de Geísa. Percebe-se, pela fala do repórter que o erro no caso foi a polícia não ter atirado em Sandro. No fim, Sandro morreu asfíxiado dentro do camburão. Todos os envolvidos foram inocentados.

A segunda matéria do Jornal da Band foi veiculada no dia 21 de agosto. Desta vez, o foco é o celular de William, que se encontra com a polícia e a divulgação das imagens da câmera de segurança do ônibus. O repórter Fernando David descreve detalhadamente

o que aconteceu de forma lenta. Após esse momento, é possível ver o repórter entrevistando as pessoas que foram reféns no dia anterior, dentro da mesma linha de ônibus. Falas como "não contava de passar por aquele momento de jeito nenhum. E nem espero pra ninguém, né, porque foi desesperador" e "fiquei com medo de morrer. Muito medo de morrer" deram à reportagem um tom mais dramático e reforçaram a fala do crime (CALDEIRA, 2000), repetindo a narrativa de vítimas de violência.

Para concluir a matéria, o repórter vai até o centro de treinamento do BOPE, entrevistar o comandante Maurílio e mostrar o treinamento dos policiais para situações de sequestro. Como o bom soldado de Foucault (2014a), vemos que a polícia é treinada como uma massa uniforme, capacitada para agir sob pressão. O tiro é eficiente, faz parte do treinamento.

A reportagem evita falar o nome de William. São usados termos como "criminoso" e "sequestrador". O jovem foi despersonalizado, como aponta Misse (2010) ao abordar a sujeição criminal. William deixou de ser uma pessoa e se tornou apenas um criminoso, alguém sem profundidade, sem retorno.

SBT Brasil

Apresentado por Carlos Nascimento e Rachel Sheherazade, a primeira matéria do SBT Brasil inicia falando do governador do Rio de Janeiro e presidente do Brasil à época, respectivamente. Tanto Wilson Witzel quanto Jair Bolsonaro elogiam a ação da Polícia Militar no sequestro. Não há qualquer comentário dos jornalistas refletindo sobre o tema. A matéria também inicia com os tiros disparados pelo atirador de elite e os aplausos de quem assiste. É possível inferir uma celebração e exaltação à polícia pelas imagens.

O repórter Léo Sant'anna descreve o que aconteceu durante a manhã de forma cronológica, criando tensão em quem está em casa.

Foram três horas e meia de um sequestro que parou a ponte Rio - Niterói. Às 5h10min da manhã, o sequestrador William Augusto da Silva, de 20 anos, entrou no ônibus em São Gonçalo, na região metropolitana. O destino final seria o Estácio, no centro da capital. William anunciou o sequestro com o coletivo em movimento às 5h25min. Meia hora depois ordenou que o motorista atravessasse o veículo na ponte. Trinta minutos mais tarde, ele saiu do ônibus e atirou um objeto pegando fogo. Foto feitas pelos passageiros mostram o sequestrador, ele pendurou garrafas plásticas com gasolina no ônibus,

parentes dos reféns correram para a ponte depois de receber mensagens das vítimas (SBT BRASIL, 2019).

Mais uma vez a questão psiquiátrica aparece, quando um dos familiares das vítimas compartilha a mensagem que recebeu da esposa. “Amor, tem um cara no ônibus que tá dando uma de maluco e tá tentando sequestrar o ônibus, quer fazer... ela falou realmente assim... quer fazer algo parecido como se fosse de filme”. Para o psiquiatra Frantz Fanon (2010), não é simples abordar o psicológico do negro. Muitas vezes visto como objeto de fobia e repulsa, o negro acaba performando um novo comportamento e uma postura defensiva quando está em um ambiente de brancos. Tais características são consequências dos períodos coloniais e de colonização.

Esta é a primeira e única vez, em todo o material analisado, que é falado em questões financeiras. Um dos reféns liberados afirma “Ele falou que tá precisando de trinta mil”. O clima de tensão continua enquanto o repórter narra cronologicamente os fatos. A mulher desmaiada também aparece no SBT Brasil. A única vítima identificada pelo nome, Hans Moreno, fala. "Ele falou 'calma, pessoal, não quero machucar ninguém, não quero os pertences de vocês, mas no final do dia vocês vão ter muita história pra contar". Ao ser identificado, Hans se aproxima dos telespectadores, como afirma Vaz, Cardoso e Felix (2012). As comemorações à morte de William são evidenciadas novamente.

Witzel novamente pontua que comemorou a vida e não a morte. E também acrescenta que *snipers* devem abater quem estiver portando um fuzil. O governador está fazendo uma “incriminação preventiva”, como aponta Misse (2010). Não há questionamentos. O criminoso deve ser abatido antes de um julgamento que o condene. Principalmente, se morar em comunidades, ou ter a cor da pele preta, já foi condenado e sentenciado à morte. Aqueles considerados inferiores, merecem a morte, segundo Almeida (2021). E, geralmente, o racismo está envolvido nessa classificação de inferioridade. O elogio de Jair Bolsonaro à atuação dos policiais também é veiculada pelo SBT Brasil.

A segunda matéria, veiculada no dia 20 de agosto inicia com a chamada. “Sem passagens pela polícia, o sequestrador sonhava ser bombeiro. Segundo autoridades que acompanharam a negociação, o rapaz tinha um perfil psicótico”. Há uma humanização de William, chamado pelo nome e sonhador, como uma pessoa, apesar da questão psicológica.

O governador, revela em entrevista, que a família de William pediu desculpas pelo que aconteceu. Mesmo perdendo um familiar, a família sentiu necessidade de se desculpar. Afinal, a delinquência leva em conta fatores sociais, como a família. Se um indivíduo se perde para o crime, certamente a família tem culpa, de acordo com Misse (2010). O autor também utiliza o termo “acumulação social da violência”, que fica evidente no decorrer da matéria, quando familiares das vítimas são entrevistados.

Um dos entrevistados fala: “A intenção dele, pelo que eu percebi, é que ele tá mal com ele mesmo e com a família dele, entendeu? Ele tá com algum problema social na vida dele”. O delinquente possui um acúmulo de infortúnios, de desvantagens, como família, território e cor da pele.

A trilha sonora utilizada com a edição das imagens aumenta a tensão. São cenas policiais mostradas rapidamente, com a PM sempre em posição de poder. Mais vítimas dão depoimento e são mostradas imagens de pessoas amarradas com um laço. Logo após, são mostradas mensagens que os reféns enviaram aos familiares. O repórter Sid Marcus também entrevistou algumas vítimas pela janela do ônibus. Para finalizar, mais uma vítima é identificada pelo nome. Rapidamente, o telespectador sabe que Rafaela é recém casada com Lucas e ela deseja muito ir para casa.

No dia 21 de agosto, dia seguinte ao crime, a edição do SBT Brasil coloca o repórter Fabiano Martinez dentro do ônibus que havia sido sequestrado. O crime é recontado de diversas formas. Martinez pega o ônibus 2520 às 4h20min da manhã em São Gonçalo. Segundo ele, a intenção é ter as mesmas sensações e medos que os passageiros no dia anterior. O depoimento dos entrevistados é coberto por uma trilha sonora dramática e fotos do sequestro. O ônibus vai se aproximando da ponte Rio-Niterói e o repórter aumenta a carga dramática do texto. “Cerca de trinta minutos depois de sair de São Gonçalo, nos aproximamos da ponte Rio - Niterói. E a tensão aumenta”, diz. A reportagem é encerrada com a comemoração da morte de William.

Jornal Nacional

O Jornal Nacional fez apenas uma longa reportagem sobre o caso. O apresentador William Bonner chama a matéria evidenciando o sucesso da polícia. “A polícia do Rio libertou hoje 39 pessoas ameaçadas por um sequestrador dentro de um ônibus. Depois de três 81 horas e meia, ele foi alvejado por seis disparos de atiradores de elite e caiu morto.

Os tiros não feriram nenhum refém”. Iniciando com depoimentos dos passageiros, a reportagem já tem alta tensão nos primeiros segundos. As vítimas falam em terror psicológico.

Quando o medo é evidenciado, a demanda por segurança aumenta. E a repetição de depoimentos, aumenta a sensação de medo de quem está assistindo. Enquanto alguns passageiros expõe situações de tensão, outro falou que William não os ameaçou, apenas queria entrar para a história. Os reféns utilizaram telefone celular no ônibus e falaram com familiares.

Neste momento, é exibida a cobertura feita com helicóptero ao vivo pela emissora Globo. Após o repórter Genilson Araújo descrever tudo o que ocorreu pela manhã, ele fala de forma pausada que os reféns ficaram amarrados. Ele também fala sobre o transtorno causado no trânsito da cidade. Como Mbembe (2020) evidencia ao falar de necroliberalismo, apenas os corpos capazes de contribuir economicamente com o capitalismo merecem ser salvos. Os corpos que atrapalham a economia devem ser sacrificados.

É mostrada, então, a cobertura que a repórter Lívia Torres fez pela manhã. Ela está visivelmente nervosa e com a voz trêmula ao ouvir tiros na ponte. “Ali um policial atirador de elite em cima do caminhão do corpo dos bombeiros, ele fez um sinal de comemoração, o que nos leva a crer que o criminoso, enfim, acabou sendo atingido por esses tiros”. Torres utiliza a palavra “enfim” demonstrando alívio.

A Rede Globo também mostra o momento em que Witzel desceu do helicóptero comemorando. Eles exibem uma fala do governador parabenizando o trabalho técnico da polícia. O repórter aparece e afirma que um primo de William pediu desculpas por todo o acontecido. Apesar de ter sido ouvido, a voz do familiar não é mostrada. Como a sujeição criminal perpassa a família, ele não tem direito a voz.

Encerrada a primeira parte da reportagem, a apresentadora Renata Vasconcelos chama a segunda parte, que começa com a mãe de William chorando. Um homem a consola, mas concede entrevista afirmando que não havia outra solução além da morte de William. A matéria então, passa a apontar para a investigação, que provou ter sido premeditado, mas ainda não sabiam quais as motivações para o sequestro.

O comandante do BOPE, Maurílio Nunes, reafirmou seguir os protocolos, que a decisão foi tomada com base na análise de uma psicóloga e que o uso do *sniper* foi acertado. Em todas as entrevistas concedidas, Maurílio reforça a questão psicológica. Para

Foucault (2014a), a psicologia muitas vezes serve como amparo para punições tomadas pelos diversos “juízes” que existem no campo da justiça. Em seguida, a matéria relembra o caso do ônibus 174, assim como o Jornal da Band. Dois especialistas em segurança são ouvidos pelo Jornal Nacional e ambos defendem a ação da PM. Um deles utiliza o termo “abater”.

A disciplina descrita por Foucault (2014a) está presente a todo momento na matéria da Rede Globo. É um micropoder que não se apresenta de forma clara, mas se faz presente por meio de depoimentos das vítimas e pela fala dos especialistas, que afirmam que a morte de William foi a maneira correta de tratar o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos três veículos analisados, é possível perceber uma dramaticidade ao narrar a história. Cortes, escolha de palavras, trilha sonora, fala com os personagens. O espectador esteve dentro do fato, aumentando a sensação de medo de quem está assistindo. Essa característica é ainda mais forte no Jornal do SBT, que colocou um repórter para fazer o mesmo trajeto do ônibus, no mesmo horário, como se ele fosse um dos reféns.

O Jornal da Band e o Jornal Nacional reviveram o caso do Ônibus 174, numa tentativa de reavivar a memória do telespectador. No caso ocorrido em 2000, a polícia não atirou e uma vítima foi morta. O Jornal Nacional, apesar de ter apenas uma matéria, também fez uso de espetáculo, inclusive com uso de helicóptero.

Em todas as matérias, a ação terminar com a morte de William é vista como um sucesso. Ele é desumanizado em muitas ocasiões, sendo tratado apenas como “criminoso” e “sequestrador”, ao invés de se utilizar o nome dele. O governador Wilson Witzel e a política utilizam termos como “abater”, linguagem emprestada para os jornalistas em certas ocasiões.

A fala do comandante do BOPE reitera que William é considerado irrecuperável, percebendo-se que ele é um sujeito criminal, no qual a única saída é a morte. Percebe-se que a mídia reforça estereótipos, em especial sobre populações não brancas. A família do jovem também foi culpada pela ação dele, mesmo sem ter qualquer envolvimento.

A psicóloga foi utilizada apenas para justificar a ação da polícia, sem nenhuma análise mais aprofundada sobre o perfil psicológico de William. Para Frantz Fanon (2020), o homem negro tem um psicológico diferente do branco. O negro se comporta

com uma postura defensiva e, muitas vezes é visto pelos diferentes como causador de medo.

Azevedo e Martins (2019) foram assertivas quando apontaram o papel da mídia tradicional na legitimação do Estado. No material observado, não houve espaço para outras discussões. Não houve falas de pessoas relacionadas aos direitos humanos ou pesquisadores que apontassem um caminho diferente que a polícia pudesse ter tomado.

Levando em consideração as análises realizadas, é possível perceber marcas de necropolítica e poder disciplinar no discurso da imprensa, reforçando estereótipos, sobretudo para a população negra, e aumentando a necessidade da presença do Estado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2021.

AZEVEDO, Lídia; MARTINS, Zilda. **Política de morte**: a mira certa sem comoção social. Revista Mosaico, 2019.

BAND JORNALISMO. Jornal da Band – 20/08/2019. Youtube, 20 de agosto de 2019a. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=NcJB_oIoInQ> . Acesso em: 11 de junho de 2020.

BAND JORNALISMO. Jornal da Band – 21/08/2019. Youtube, 21 de agosto de 2019b. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=6B58pfybBs4>>. Acesso em 21 de junho de 2020.

CALDEIRA, Teresa Pires Do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CERQUEIRA, Daniel et al. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). **Anuário da violência 2021**. Rio de Janeiro: Ipea, FBSP, 2021.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no collège de France 1974-1975. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel; GALVÃO, Maria Ermantina. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). 2005.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População:** curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MAGALHÃES, Luís, Ernesto; ALTINO, Lucas. Witzel quer usar snipers para abater criminosos com fuzis em favelas. O Globo, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/witzel-quer-usar-snipers-para-abater-criminosos-com-fuzis-em-favelas-23199100>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

MBEMBE, Achille. Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da ‘necropolítica’. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemiademocratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml?origin=folha%3E->>. Acesso em: 03 de julho de 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MISSE, Michel. **Crime, sujeito e sujeição criminal:** aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". Lua Nova. 2010; 15-38. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/sv7ZDmyGK9RymzJ47rD5jCx/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 08 de julho de 2021.

PINTO, M. J. Retórica e análise de discursos. **Fronteiras – estudos midiáticos**, vol. II, 1 São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

SBT NEWS. Witzel e Bolsonaro parabenizam ação da PM durante sequestro | SBT Brasil (20/08/19). Youtube, 20 de agosto de 2019a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4Y1XuRI09QA>>. Acesso em 21 de junho de 2020.

SBT NEWS. Autoridades apontam que sequestrador tinha perfil psicótico | SBT Brasil (20/08/19). Youtube, 20 de agosto de 2019b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kyIvw5h5p7k>> . Acesso em 21 de junho de 2020.

SBT NEWS. Ônibus sequestrado: Passageiros enfrentam o medo para retomar a rotina | SBT Brasil (21/08/19). Youtube, 21 de agosto de 2019c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DHO0sgybbgQ>> . Acesso em 21 de junho de 2020.

SEU JORNAL. Jornal Nacional – 20/08/2019. Youtube, 20 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1pD9PGTUQNc>> . Acesso em: 21 de junho de 2020.

VAZ, Paulo; CARDOSO, Janine Miranda; FELIX, Carla Baiense. **Risco, sofrimento e vítima virtual:** a política do medo nas narrativas jornalísticas contemporâneas. Revista Contracampo, n. 25, p. 24-42, 2012.